



AGOSTINHO E A ATRIBUIÇÃO DA MEMÓRIA AO EU: UM ESTUDO A PARTIR DE PAUL RICOEUR

Jadilson Almeida Vilas Boas

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: 2020m0105@uesb.edu.br

Elton Moreira Quadros

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: elton.quadros@uesb.edu.br

606

INTRODUÇÃO

Ricoeur coloca Agostinho na situação de fundador da “tradição do olhar interior” (RICOEUR, 2007, p. 108), no entanto, as reflexões sobre a memória ao tentar responder à pergunta “quem lembra”, acaba por se dividir em duas tradições, a tradição da memória interior e a tradição da memória coletiva (ou social).

Com efeito, o pensamento de Agostinho está inserido na tradição da memória como interioridade, uma vez que, para o bispo de Hipona, a memória seria um dos “mecanismos” de busca no autoexame, na autoconsciência a procura de Deus que habita, segundo o autor, no interior de cada humano, “E como invocarei meu Deus, meu Deus e meu Senhor, se ao invocá-lo o faria certamente dentro de mim?” (AGOSTINHO, 2020, *Confissões*, I, 2, 2, p. 20). Por consequência, o modo de pensar a memória, para Agostinho, estaria nessa relação entre o “eu” e “Deus”. Em outras palavras, na leitura ricoeuriana, a tradição do olhar interior se inicia com Agostinho, no entanto, adverte Ricoeur (2007), não se trata de consciência, de si ou de sujeito, e sim do homem interior se lembrando de si mesmo.

Neste trabalho, buscamos refletir sobre como se dá no pensamento de Agostinho esse “funcionamento” da memória na interioridade, para isso, analisaremos num primeiro momento a questão da interioridade, passando para a questão da memória na obra do autor das *Confissões* no momento posterior.

METODOLOGIA

O foco dessa pesquisa é a obra *As Confissões* de Agostinho e tem como proposta interpretativa a análise realizada no livro *A memória, a história, o esquecimento* por



Ricoeur, visando investigar de que maneira a interioridade e a memória estão presentes e em diálogo na obra do autor medieval.

Trata-se de uma pesquisa teórica, tendo como ponto de partida a análise filosófica e dialógica das obras dos autores acima citados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O caminho à interioridade

Ao iniciar o desenvolvimento das investigações a respeito da memória, em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, especialmente na parte I, capítulo 3, nomeado de *Memória pessoal, memória coletiva*, o qual se tomará como o capítulo mais profícuo no que se refere às fontes para o nosso estudo, percebe-se que ao desenvolver o seu trabalho, Ricoeur tem uma preocupação em não perder de vista as discussões sobre o tema da memória. É nesse cenário que, no começo do século XX, o tema da memória volta a ganhar relevância diante dos desafios inerentes às várias áreas do conhecimento e, em especial, na filosofia ricoeuriana.

Ao iniciar a discussão sobre a memória pessoal, Ricoeur encontra Agostinho que se constitui como o primeiro autor tomado na essência e na defesa do olhar interior, ou seja, para Agostinho a memória tem um caráter singular e, por esse motivo pode-se falar das “*minhas lembranças*”. Conforme aludido anteriormente, Ricoeur escreve acerca de uma “*tradição do olhar interior*” (RICOEUR, 2007, p. 108), pois se propõe a examinar a atribuição da memória ao *eu* do “quem” lembra. Essa afirmação abre possibilidades, portanto, para se considerar que há uma imputação a um sujeito capaz de se lembrar. Em outras palavras, pensar a memória como algo pertencente apenas a si mesmo é estar diante de um exercício comum e talvez quase natural. Como acentua Ricoeur (2007, p. 107), “ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si”. Essa concepção se mostra com tanta força que parece inegável que as lembranças pertencem tão-somente ao sujeito em sua singularidade ou mesmo em sua individualidade.

Destarte, a partir de então, o filósofo francês recorre às suas ideias para demonstrar como o aspecto da memória pessoal foi pensada e desenvolvida no plano filosófico. Ao se lançar nessa tarefa, Ricoeur traz à baila três pensadores vinculados com a tradição da memória interior: Agostinho que é conhecido entre os maiores intérpretes do seu pensamento como sendo o filósofo da interioridade; John Locke que explana o vínculo entre *identify, consciousness e self* ou identidade pessoal, o si e a



memória e Edmund Husserl na qual “a escola do olhar interior atinge seu apogeu” (RICOEUR, 2007, p. 108).

Alicerçado nas considerações à discussão sobre a memória interior, no percurso que desenvolveremos, intentamos percorrer um caminho investigando a atribuição da memória ao eu interior em Agostinho e sua relação com as discussões consideradas por Ricoeur. Essa escolha se faz pertinente, portanto, por entendermos que Agostinho ao tratar sobre o tema da interiorização destaca um voltar-se a si mesmo, para o interior de si mesmo, uma vez que boa parte da sua vida peregrinou em um mundo exterior e, por consequência, se distanciou de sua própria interioridade, “E que lugar há em mim para receber a meu Deus”? (AGOSTINHO, 2020, *Confissões*, I, 2, 2, p. 20).

608

A memória

No livro X das *Confissões*, Agostinho parece lançar mão do uso de metáforas para descrever a atividade da memória: “É grande esta força da memória, imensamente grande, ó meu Deus. É um santuário infinitamente amplo. Quem o pôde sondar até o profundo?” (AGOSTINHO, 2019, p. 174).

A memória constitui um dos principais temas, além de inúmeros outros, que norteiam o Livro X das *Confissões*: “Grande é realmente o poder da memória, prodigiosamente grande, meu Deus! É um santuário amplo e infinito” (AGOSTINHO, 2019, p. 174). De certo, Deus representa uma questão importante para se compreender a memória. Ou seja, é a presença de Deus na interioridade, fundamentada numa perspectiva da “tradição do olhar interior sobre o fundo da experiência cristã da conversão”, que torna Agostinho “ao mesmo tempo sua expressão e seu iniciador” (RICOEUR, 2007, p. 108).

Contudo, esclarece o filósofo francês, “(...) não são ainda a consciência e o si, nem tampouco o sujeito que Santo Agostinho descreve e honra, mas já é o homem interior que se lembra de si mesmo” (RICOEUR, 2007, p. 108). Portanto, o autor francês, ao fazer a análise do texto das *Confissões*, evidencia que Agostinho discorre fundamentalmente sobre “o homem interior que se lembra de si mesmo” (RICOEUR, 2007, p. 108). Ainda dentro dessa reflexão, para Ricoeur, a força dessa perspectiva se encontra, na realização da “análise da memória à do tempo” (RICOEUR, 2007, p. 108). Todavia, não vamos adentrar na análise da memória à do tempo agostinianos neste trabalho.



Enfim e retomando as lições de Ricoeur sobre a memória, o autor francês afirma que, a memória é o presente do passado e, por isso, para Agostinho a memória na interioridade consiste num caminho de reconhecimento, aprendizado e de encontro com Deus e consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, busca-se refletir sobre como se dá no pensamento de Agostinho, a partir de uma leitura feita por Ricoeur, o “funcionamento” da memória e da interioridade, para isso, analisamos num primeiro momento a questão da interioridade, passando, em seguida, para a questão da memória no pensamento de Agostinho, na obra as *Confissões*.

A memória e a interioridade parecem indissociáveis quando abordadas pelo autor. A memória consiste na dimensão interior do ser humano e, nesse sentido, é na própria interioridade que o homem poderá alcançar Deus. Dessa forma, Agostinho traz a discussão sobre a memória para a interioridade. Esta será pensada como um espaço interior, mas como espaço interior habitado pelo divino.

Portanto, o percurso filosófico que inaugura a atitude agostiniana é a afirmação da memória como sendo de si mesmo, de sua interioridade. Nesse contexto, podemos afirmar que Agostinho expõe a noção de que a memória é a forma por excelência que revela o seu interior, do homem ao próprio homem.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento. Deus. Interior. Reconhecimento.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Petra, 2020.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.